

# ALMANAQUE BLACK POWER

JOVANNA SOUZA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES

JOVANNA DOS REIS SOUZA

**ALMANAQUE BLACK POWER**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Escola de Belas  
Artes da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como parte  
dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de bacharel  
em Artes Cênicas – Indumentária

RIO DE JANEIRO  
2022

Nome do estudante: Jovanna dos Reis Souza

DRE: 117,0864-32

Curso/Departamento/Unidade: Departamento de Artes Teatrais – BAT

Curso: Curso de Artes Cênicas – Cenografia

Título do projeto: Almanaque Black Power

Nome do orientador: Ronald Teixeira

Data da defesa: 15 de julho de 2024

Resumo do projeto: Em "Apostila Black Power ", Jovanna Souza apresenta a trajetória da construção da autoestima da população negra dando ênfase à relação com o cabelo, sendo ele uma forma de expressão estética, social e cultural. Nela se encontra em síntese a história de movimentos culturais importantes para a construção da identidade negra no Brasil, a história de alguns penteados, referências de artistas contemporâneos que trabalham o resgate da ancestralidade através do cabelo e um editorial produzido com referências dos anos 70 do século XX, período marcado pela influência da Soul Music.

Palavras-chave: cabelo; black; power; autoestima; negro.

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS – INDUMENTÁRIA  
ATA DE DEFESA**

Nome: **Jovanna dos Reis Souza**

DRE: **117086432**

Título do Projeto: **Almanaque Black Power**

Orientação: **RONALD TEIXEIRA**

A sessão pública foi iniciada às 14:07h, realizada de modo presencial. Após a apresentação do trabalho de conclusão de curso o (a) estudante, foi arguido (a) oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerado (a): (  ) APROVADO (A) / (  ) APROVADO COM LOUVOR (  ) APROVADO (A) COM RESSALVAS / (  ) REPROVADO (A), de acordo com os seguintes critérios:

	Sim	Parcial	Não
O (A) estudante demonstra competência para expressar uma linguagem própria como artista cênico	X		
O projeto evidencia fundamentação teórica com relação ao material que lhe serviu de base e diálogo com o contexto artístico e cultural a que se vincula o projeto	X		
O (A) estudante demonstra capacidade de organização do projeto gráfico, explicitando domínio com relação a formas, volumes e texturas	X		
O (A) estudante utiliza com propriedade os meios de representação gráfica, o raciocínio espacial, a proporção, o equilíbrio e a harmonia das criações	X		
O (A) estudante demonstra capacidade para realizar a aplicação prática do projeto: confecção, adequação de materiais, orçamento, realização de protótipos e modelos	X		
O (A) estudante apresentou Memorial Descritivo	X		

Comentários: *A estudante apresenta grande maturidade na pesquisa onde ressaltou um tema "Cabelo" como linguagem e objeto de estudo. O projeto resulta em uma pesquisa inédita e excelente material iconográfico sobre ancestralidade negra.*

Membros da Banca Examinadora

Assinatura

Ronald Teixeira (orientador)

Samuel Abrantes

Antonio Guedes

Estudante:

Coordenador:

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANTONIO DE SOUZA PINTO GUEDES  
 Data: 14/07/2024 15:35:25-0300  
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANTONIO DE SOUZA PINTO GUEDES  
 Data: 14/07/2024 15:30:21-0300  
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Rio de Janeiro, 15 /07/2024

## **RESUMO**

Em "Apostila Black Power ", Jovanna Souza apresenta a trajetória da construção da autoestima da população negra dando ênfase à relação com o cabelo, sendo ele uma forma de expressão estética, social e cultural. Nela se encontra em síntese a história de movimentos culturais importantes para a construção da identidade negra no Brasil, a história de alguns penteados, referências de artistas contemporâneos que trabalham o resgate da ancestralidade através do cabelo e um editorial produzido com referências dos anos 70 do século XX, período marcado pela influência da Soul Music.

# **AGRADECIMENTOS**

Concluir graduação é um desafio árduo e eu não poderia deixar de agradecer aqueles que estiveram comigo nesse processo.

Primeiramente eu agradeço aos meus pais, Dona Mara e Seu Gelson por estarem sempre ao meu lado me dando o suporte e o carinho necessário para que eu conseguisse chegar até aqui.

Agradeço a minha irmã Jéssica e sua família por sempre me incentivaram e torceram por mim.

Agradeço ao meu orientador, Ronald Teixeira, por me mostrar o que é o amor pela docência nesses anos que fui sua monitora. Agradeço também por todas as nossas conversas e por seus conselhos.

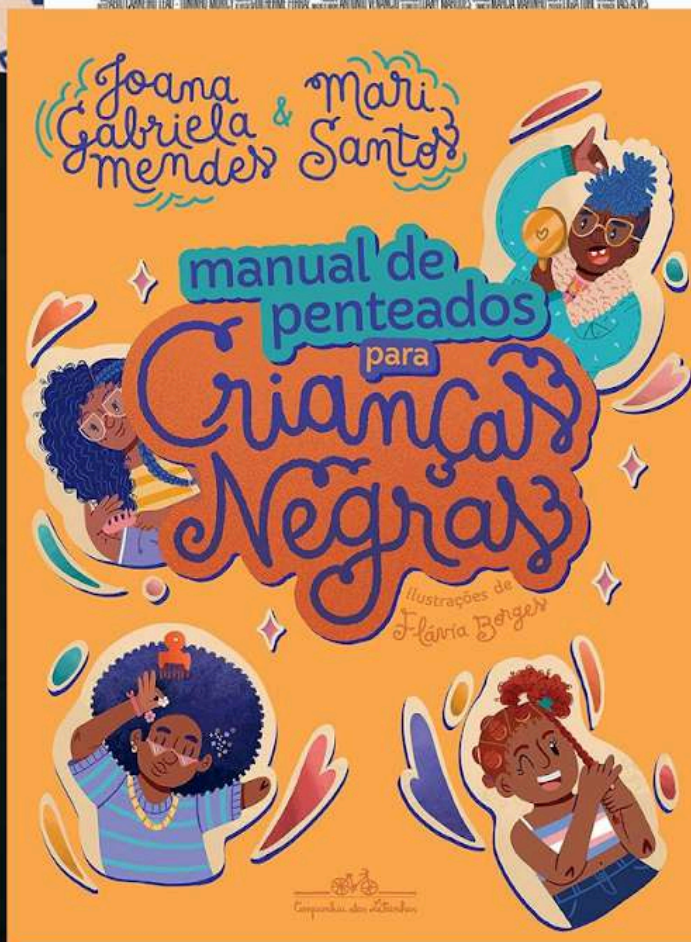
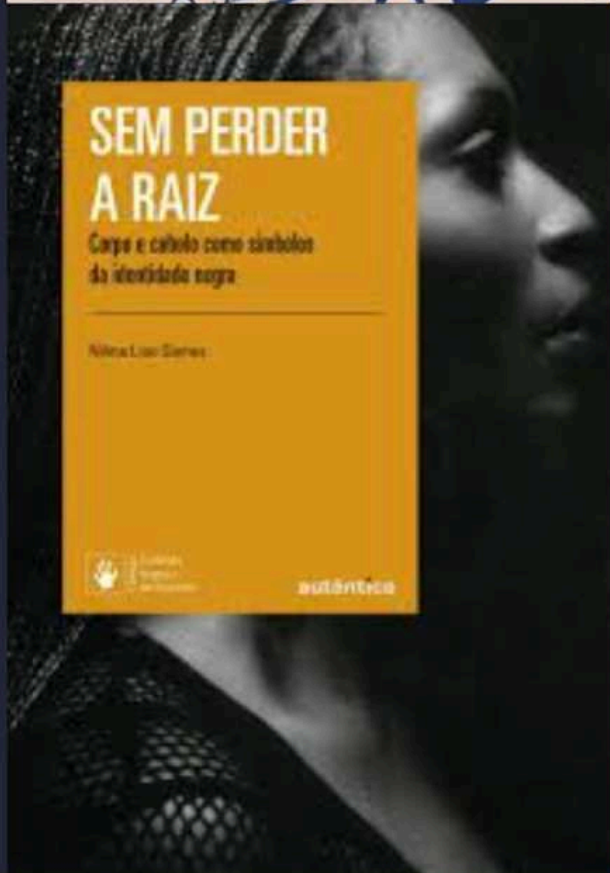
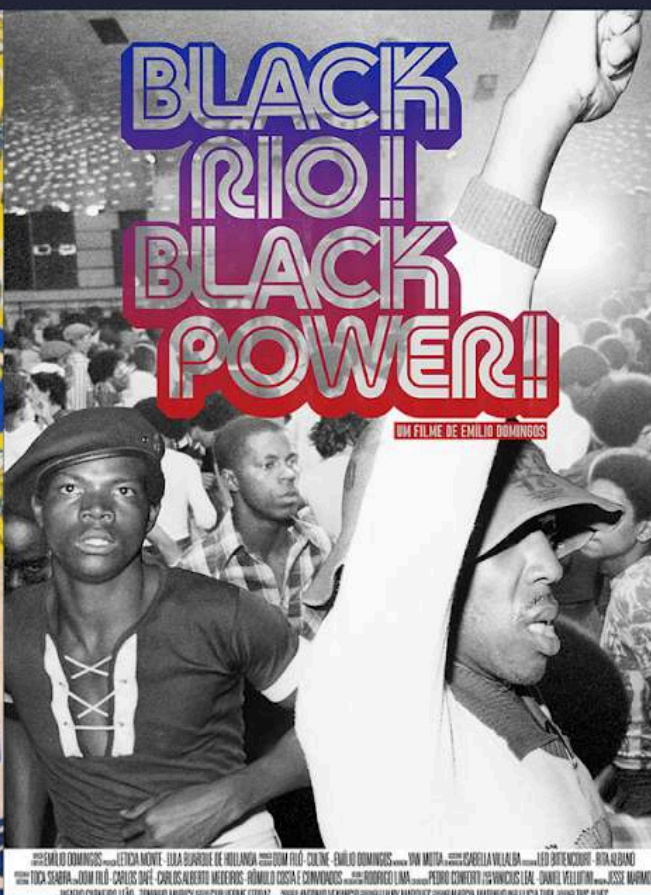
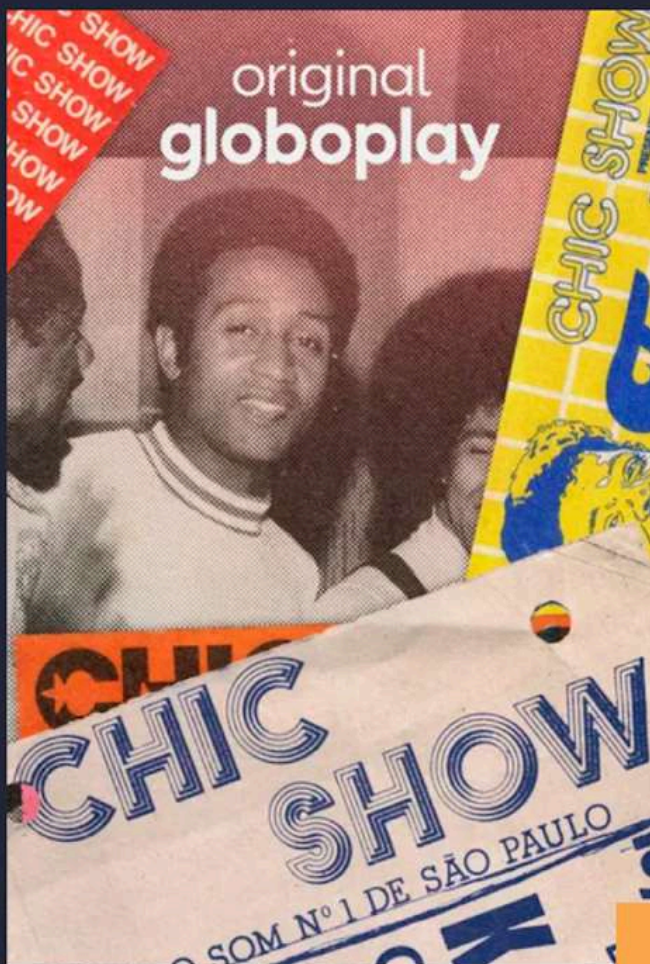
Agradeço Catharina Paiva e Raquel Martins pela amizade e por toparem estar junto a mim na criação desse TCC.

Agradeço a todos os meus amigos/ família que a universidade me deu. Eles que estão ao meu lado em todos os perrengues e glórias que nossa profissão nos proporciona.

E por último, mas não menos importante, agradeço a todas as mulheres pesquisadoras que utilizo de referência bibliográfica e filosófica.

# SUMÁRIO

07.....	Desenvolvimento da pesquisa
11.....	Minha relação pessoal com o cabelo
15 .....	Importância sociopolítica do cabelo para população negra
19 .....	Turbantes e o processo de hierarquização
22 .....	Alisamento Capilar
25 .....	Os penteados de Origem Africana: Tranças
31 .....	Movimento Black Power e Black is Beautiful
33.....	Os Bailes Black
35 .....	The godfather of the soul: James Brown
37.....	Black Rio
39 .....	Chic Show
41 .....	Tony Tornado
43.....	Bloco Afro Ilê Ayê
45.....	O início do Funk Carioca
47 .....	Artistas que possuem cabelo como temática
49 .....	Editorial: Sou Black Power
59 .....	Referências Bibliográficas



Fonte: canto superior direito á esquerda, capa do documentário Chic Show; canto superior á direita, capa do documentário Black Rio! Black Power; canto inferior esquerdo, capa do livro “Sem perder a Raiz” ; canto inferior direito, capa do livro “Manual de penteados para crianças negras”



# DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Pensar a passagem da manipulação do cabelo do negro e da negra do estilo político ao estilo de vida abre um leque de possibilidades para o entendimento das expressões estéticas negras da atualidade, que não se limitam à conscientização política. Coloca-nos no cerne da construção social e cultural da questão racial numa sociedade que, cada vez mais, privilegia e estimula as individualidades, a autoexpressão e uma consciência de si estilizada.(GOMES,2006, Pag. 220)

No ano de 2021, me formei em cenografia no fim do que seria a segunda onda da pandemia da Covid-19. Ainda em lockdown, pude mergulhar inteiramente no processo de TCC que consistia em destrinchar a história das mulheres da minha família, mais precisamente a minha avó e a minha mãe, e em pequenos palcos eu pude ofertar e materializar as histórias narradas por elas.

Durante o isolamento social me encantei, me delicieei e me emocionei com as histórias dessas mulheres. Apesar de contar sobre uma realidade tão próxima de mim, mantive um olhar com um certo afastamento para poder transformar essas histórias em palcos.

Já para o meu projeto de conclusão em Indumentária, eu escolho falar sobre uma relação que afeta não só a mim, mas toda a população negra. A construção da autoestima a partir da relação com os cabelos.

Opto por esse tema por atravessar a minha vida em diferentes momentos, pois passei por processos de relaxamento e alisamento e por sentir falta do debate sobre cabelos crespos e os seus penteados em publicações na academia. Durante o curso debatemos muito sobre a indumentária e visagismo europeu, mas pouco se fala sobre a diversidade de penteados, curvaturas, e adornos dos cabelos crespos e da cultura herdada das diversas culturas contidas no continente Africano.

Na última década, o movimento de “transição capilar”, que consiste no abandono da utilização de químicas que modificam e alisam a estrutura capilar para se assumir a textura natural, tem alcançado diversas esferas da sociedade mediante conteúdos nas redes sociais. Grupos de Facebook, vídeos no YouTube e páginas no Instagram compartilham técnicas e experiências, criando assim uma rede de apoio.

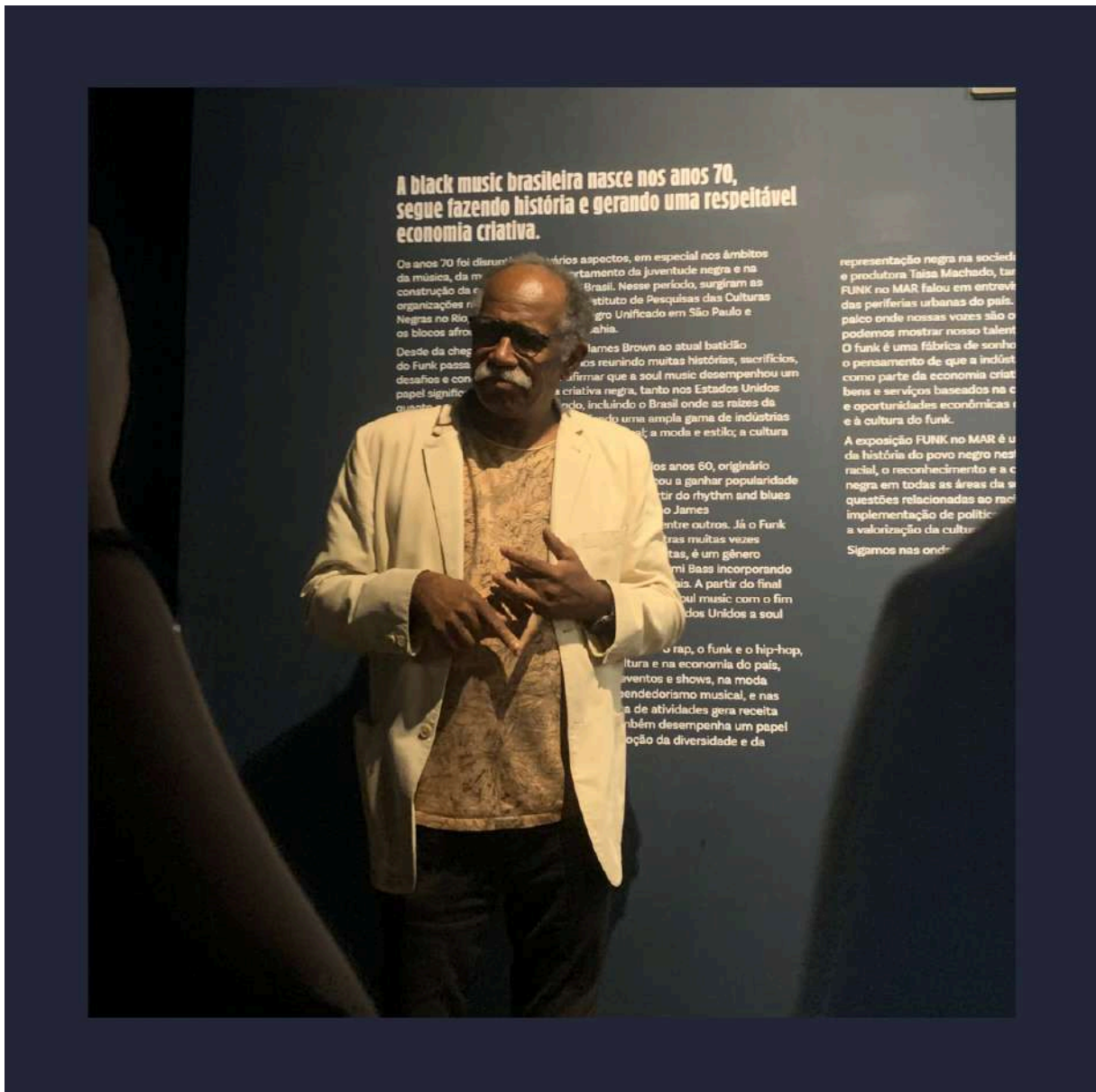
Na última década, o movimento de “transição capilar”, que consiste no abandono da utilização de químicas que modificam e alisam a estrutura capilar para assumir a

textura natural, tem alcançado diversas esferas da sociedade e vem ganhando cada vez mais espaço por meio de conteúdos nas redes sociais. Grupos de Facebook, vídeos no YouTube e páginas no Instagram compartilham técnicas e experiências. Muito além de um assunto puramente estético, buscarei mostrar como esse fenômeno traz consigo o todo um resgate da cultura negra.

E foi através das mídias sociais que iniciei a minha pesquisa. Podcasts que tratam da cultura negra como a História Preta, um original Spotify, perfis como o “Bora descolonizar”, no Instagram, são páginas que apresentam um conteúdo sobre a cultura negra e possuem as suas referências bibliográficas descritas nas suas legendas. Outra grande fonte da minha pesquisa foram os livros “Manual de Penteados para Crianças Negras”, das autoras Joana Gabriela Mendes e Mari Santos, e o livro “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra”, fruto da tese de doutorado da autora, Nilma Lino Gomes.

Ao ser apresentada para o “Manual de Penteados para Crianças Negras” por meu orientador, me encantei com a forma das histórias dos cabelos e os seus penteados foram apresentados ao longo das páginas no livro que foi feito para crianças, mas que um conteúdo muito bem embasado. Nele se encontram a descrição de técnicas para os cuidados dos cabelos cacheados e crespos na sua forma natural, passo a passo de penteados e as suas contextualizações históricas e finaliza dando dicas de séries, páginas no Instagram e cabeleireiros que são voltados a estética afro. Me baseio na estrutura deste livro para produzir o “Almanaque Black Power”

Já o “Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra” funcionou como uma bíblia para esse projeto. No livro, Gomes analisa o cabelo por um ponto de vista social e simbólico, político e identitário, como símbolo de resistência. Para a sua pesquisa, ele entrevistou donos de quatro salões de cabeleireiro étnicos de Belo Horizonte e os seus clientes. Durante o livro ela apresenta o resultado dessas entrevistas fazendo um paralelo com os contextos históricos de cada problemática, como a dualidade da negação e afirmação dos cabelos.



Fonte: arquivo pessoal

Para falar dos movimentos Black no Brasil, pude contar com documentários como "Chic Show" e "Black Rio! Black Power", ambos dirigidos por Emílio Domingos. Numa visita ao Museu de Arte do Rio, tive o prazer em ter uma visita guiada por Dom Filó à exposição Funk: Um grito de ousadia e liberdade, principal mostra do ano do MAR, onde ele é curador junto a Taís Machado.

Fechando o almanaque eu retorno as minhas primeiras plataformas de pesquisas, as redes sociais. Por meio delas, com a ajuda do algoritmo, busquei artistas contemporâneos que trabalham o resgate da memória e valorização da população utilizando os cabelos e tranças.



## **MINHA RELAÇÃO PESSOAL COM O CABELO**

Eu odiava! Minha mãe fazia quatro tranças e juntava de duas a duas no alto da minha cabeça! Puxava tanto o meu cabelo para ele ficar ajeitadinho que até esticava os meus olhos. Parecia uma japonesa preta! (NU, 26 anos, cabeleireira) (GOMES, 2006, p.201)

Era aquele problema de puxar, trançar, aquela coisa toda. Não tinha alisamento, então na hora da mamãe pentear o cabelo, era um drama. Aí depois, já mocinha, é que eu fui me cuidando, aquela coisa toda é que mudou. Mas, de criança não, eu chorava, não gostava de pentear o cabelo porque doía, puxava daqui, puxava dali... (S, 51 anos, auxiliar de escritório) (GOMES, 2006, p. 202)

A experiência do negro em relação ao cabelo não é única e costuma começar muito cedo, e no meu caso não foi diferente. Quando pequena, toda a semana eu passava pelo mesmo ritual. Lavar os cabelos, sentar numa cadeirinha em frente a minha mãe e o drama começava. Era um puxa para lá, estica de cá, até que depois de muito choro o meu cabelo era repartido em três ou quatro partes e dessas partes nasciam pequenas tranças. Como relatado no livro de Nilma Lino Gomes, arrumar e trançar o cabelo de crianças, sobretudo de mulheres negras, consiste em uma tentativa de romper com estereótipos do cabelo crespo ser considerado desleixado e sujo.

As trancinhas fizeram parte dos primeiros anos de minha infância até que com 8 anos realizei o primeiro procedimento químico. Fui levada por minha madrinha à primeira unidade da rede de Salões Beleza Natural, fundada por Zica, na Tijuca, para ser aplicado em meu cabelo o Super-relaxante, fórmula desenvolvida pela fundadora do salão para domar o volume dos cachos e crespos. Após o uso da química, o primeiro impacto externo em detrimento da mudança de visual, a criança que só andava de tranças, agora ia para escola de cabelos soltos, porém pesados de creme de pentear, pois, só o relaxante não era o suficiente para conter o volume.

Aos 10 anos, o primeiro alisamento. Essa seria mais uma tentativa de domar o volume dos cabelos e tornar o dia a dia de cuidado mais prático. Durante toda adolescência ouvia que cabelo arrumado era cabelo liso, e com a chegada das festas de quinze anos e todas as inseguranças que surgem na puberdade, a necessidade de se encaixar em um padrão estético fica ainda mais latente.

Durante quatro anos da minha vida vivi a ilusão de que o cabelo liso seria mais prático. Digo ilusão, pois ele exigia a manutenção da química a cada três meses e toda semana eu precisava contar com a ajuda da minha mãe para escovar e passar a prancha quente, pois devido ao volume do meu cabelo eu não conseguia fazer sozinha. E a cena do Início da minha infância se repetia.



Fonte: arquivo pessoal

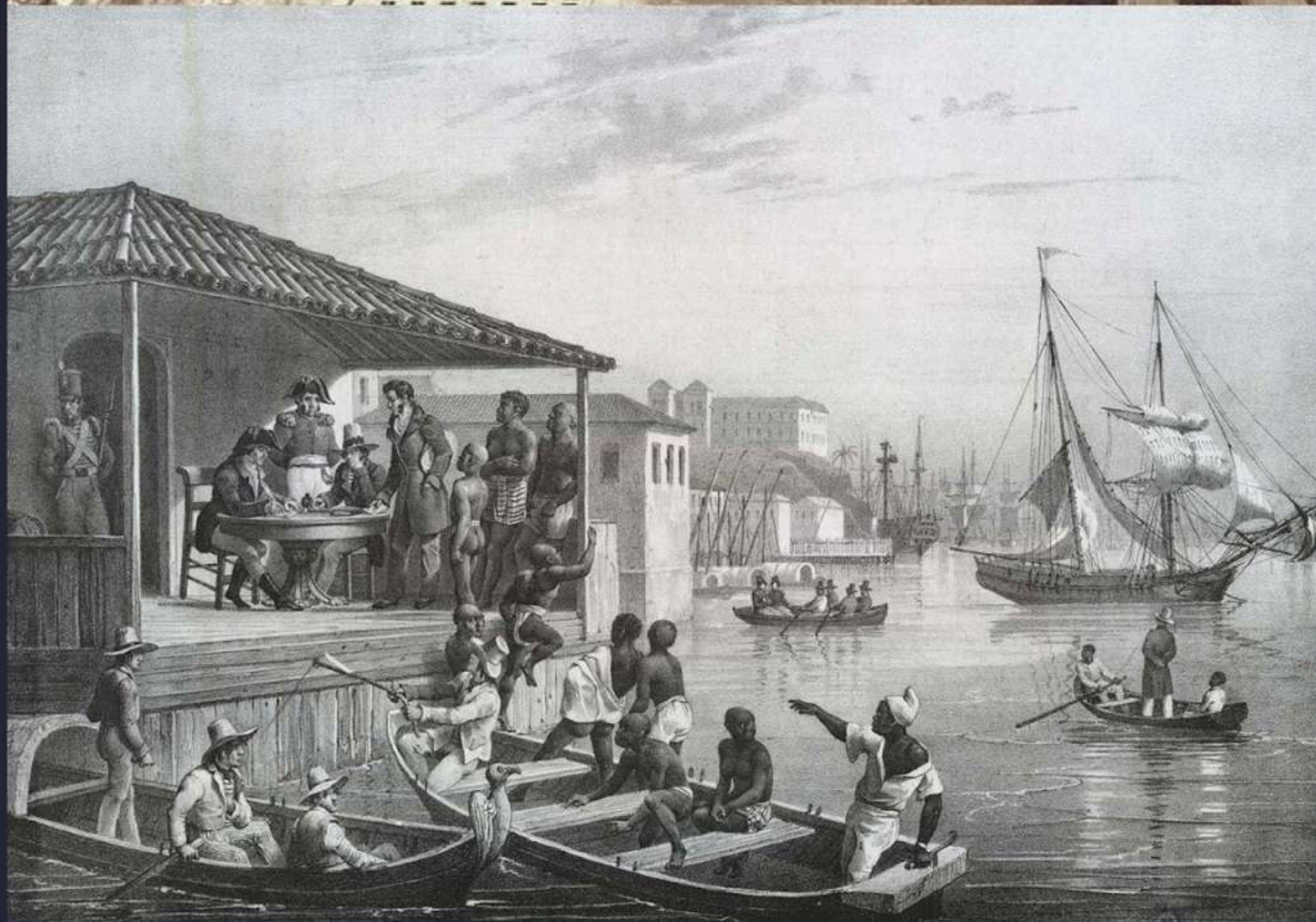
Com 15 anos, veio a grande mudança, a transição capilar. Influenciada pelo movimento negro movido por parte do grêmio estudantil do Colégio Pedro II, instituição que estudei do primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, iniciei uma busca por meio de cuidar do meu cabelo natural. Durante

um ano e meio eu passei madrugadas estudando sobre fórmulas, procedimentos e técnicas para finalização de cachos.

A Transição Capilar para pessoas negras possui um significado que vai muito além da estética, ela representa o resgate com a identidade e a ancestralidade. E justamente por possuir outros significados ela se transforma em um desafio ainda maior. Durante o processo acontece algo que chamamos de “problema das duas texturas” que consiste em ter nítida a divisão das duas texturas de cabelo. Muitas pessoas aderem ao uso das tranças, por ela manter o cabelo dentro dos entrelaces do Jumbo, outra técnica utilizada é o Big Chop, grande corte do cabelo com a retirada de toda parte do cabelo que possui química. No ano que realizei a minha transição, as tranças não estavam popularizadas e como eu era muito insegura a ponto de querer realizar o BC, aderi a um processo que foi ainda mais lento, que seria deixar de utilizar a química, porém permanecendo com o alisamento térmico até que o cabelo atingisse o comprimento desejado. Após esse longo período de alisamentos térmicos eu finalmente tive coragem de cortar o excesso de química e mudar de visual drasticamente.

Lembro como se fosse ontem do primeiro dia de aula com o Black. Muitas pessoas não sabiam do meu processo de transição e ficaram em choque ao ver o meu black volumoso e armado. Assumir meu cabelo natural no ano de 2014 despertava inúmeras dúvidas nas pessoas. Se dava trabalho para manter o penteado, quais produtos eu utilizava, se esquentava a minha cabeça, até mesmo de como lavar.

A realidade é que realizar a transição capilar pra mim e para muitas meninas negras significa liberdade. Liberdade de ser quem eu sou e ter orgulho das minhas origens, não ser mais escrava da química, poder tomar um banho de chuva, de mar e de piscina sem medo do “cabelo encolher”.



Fonte: imagem superior, navio com escravos a venda no rio de janeiro - Marc Ferrez; imagem inferior, *Debarquement*, acervo Biblioteca Nacional



## **A IMPORTÂNCIA SOCIOPOLÍTICA DO CABELO PARA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

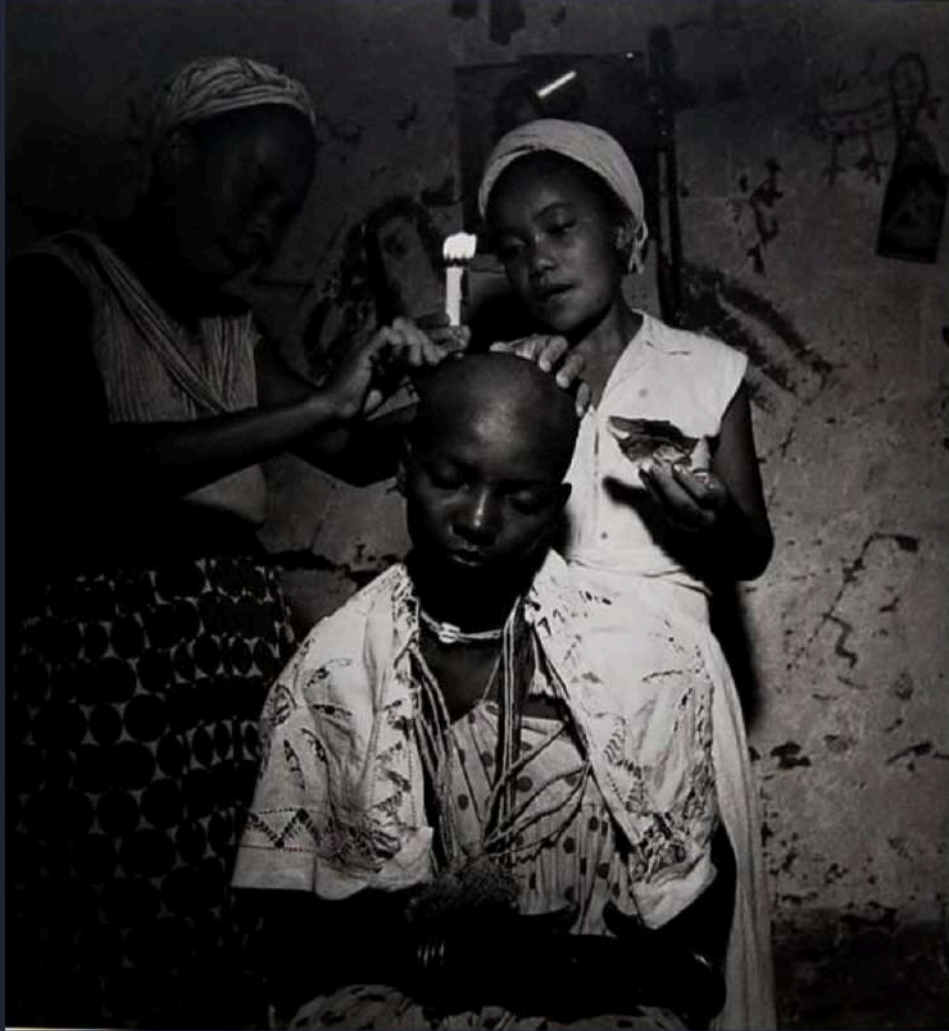
Segundo o censo de 2022 produzido pelo IBGE, 55,5% da população brasileira se declara parda ou negra. A grande maioria dessa população é descendente de cerca dos 4 milhões de homens, mulheres e crianças que entre os séculos XVI e meados do XIX foram trazidos ao Brasil através do comércio Negreiro.

A partir das Grandes Navegações e diante da necessidade de mão-de-obra para as novas terras colonizadas, os europeus intensificam o comércio nas regiões da costa africana, transformando o transporte de cargas humanas numa atividade extremamente lucrativa. Nesse momento, “quanto mais elementos simbólicos fossem retirados, capazes de abalar a autoestima dos cativos, mais os colonizadores criavam condições propícias para alcançar com sucesso a sua empreitada comercial” (GOMES, 2006, p. 359).

Nos países africanos a estética era sinônimo de discurso, de linguagem. Tipo de penteado, tatuagens, escarificações, máscaras e detalhes de embelezamento no corpo possuíam grande relevância e eram utilizados para distinção entre os povos, regiões geográficas e classificação social.

A falta de cuidados com os cabelos para sociedades como os *wolof*, *mende*, *mandingo* e *iorubás*, por exemplo, sinalizam que algo não estava bem. Seja por luto, depressão, perda da moral ou demência.

Nossa cabeça, parte mais elevada do nosso corpo, nas religiões de matriz africana é conhecida como Ori, representa o centro de tudo, o que nos aproxima do sagrado, por isso não pode ser tocado por qualquer pessoa. No candomblé o cabelo é visto com grande importância, pois para o ritual de iniciação, a feitura de santo, é realizada a raspagem dos cabelos representando o renascimento do sujeito diante a religião.



Fonte: Instituto Moreira Salles / José Medeiros

Os comerciantes durante o processo de escravização raspavam os cabelos e barbas dos escravizados os identificando como prisioneiros de guerra, um processo que visava apagar todos os traços culturais dos africanos. Membros da realeza, sacerdotes e cidadãos comuns, todos foram reduzidos a mercadorias.

Porém, mesmo após terem seus corpos empilhados e navios negreiros, serem separados de suas terras natais e de suas famílias, suas crenças, culturas e

memórias não se apagaram por completo. A prática de enfeitar os cabelos, as técnicas de traçados, se mantêm vivas até hoje.

Durante o período da colonização, pressupostos racistas foram formulados e propagados, fazendo com que a estética dos nascidos em cativeiro fosse afetada pela imposição dos padrões de beleza dos europeus. Uma das suas premissas era a negação da beleza aos negros e negras, o cabelo crespo, que era sinônimo de poder e força, tiveram o seu significado invertido, visto como feio e sujo. Para se tornar belo, o cabelo deveria ser alisado.

Byrd e Tharps (2001, p. 16-17) trazem detalhada descrição das técnicas de manipulação do cabelo desenvolvidas pelos africanos escravizados no contexto norte-americano. Segundo as autoras, sem os pentes, os unguentos vegetais e os óleos usados na África para se pentear, os africanos e seus descendentes nascidos no cativeiro foram forçados a usar produtos e equipamentos encontrados no Ocidente, que faziam parte do seu cotidiano, para realizar alguns estilos de cabelo. Em vez de óleo de palmeira, eles usavam óleos baseados em banha de porco, toucinho e manteiga para condicionar, amaciar, alisar e manter o cabelo brilhoso. O fubá e a querosene eram usados para limpar o couro cabeludo, e o café tornou-se uma tintura natural para as mulheres. Vários métodos de alisamento de cabelo foram engenhosamente forjados pelos negros e pelas negras, retirados de produtos usados no dia a dia. Os homens usavam graxa do eixo das rodas dos vagões para obter uma combinação de tintura e alisamento. As mulheres cobriam seus cabelos com manteiga, gordura de porco ou de ganso e então o alisavam usando uma faca de manteiga aquecida em uma lata colocada sobre o fogo, como se fosse um ferro torcido. Algumas vezes um pedaço de pano aquecido sobre a chama do fogo era colocado sobre a cabeça e usado por um curto espaço de tempo para esticar os cachos.(GOMES, p.342-343)

Com isso, se promoveu entre os escravizados uma espécie de hierarquização estética moldada na com base em uma beleza branca que trazia privilégios no interior do sistema. Negros com pele mais clara, cabelos mais lisos, e traços mais finos possuíam atividades de maior proximidade para com os moradores da casa grande.

Subordinados aos europeus, os negros escravizados sofreram grandes dificuldades na tentativa de construir e afirmar uma identidade. No Brasil, por meio de muita negociação e resistência negra, algumas práticas, costumes e linguagens foram mantidas ou adaptadas.



*Bahia*

ALBERTO HENSCHEL & C<sup>o</sup>

BAHIA.

## TURBANTES E O PROCESSO DE HIERARQUIZAÇÃO

Assim como no continente africano, os milhões de negros e negras que desembarcam no Brasil como o processo de escravização mantiveram os cabelos e adornos como forma de diferenciação de origem geográfica e posição social. Artistas como Jean-Baptiste Debret (1768-1848), retratam as vestimentas e o cotidiano da população. Em seu quadro “Escravas negras de diferentes nações”, Debret pintou bustos de 16 mulheres escravizadas e em ordem as classificou. Rebolo, Congo, Cabra, Cabinda, Crioula, Cabinda, Benguela, Moçambique, Mulata, Mina, Monjola, Mulata, Moçambique, Benguela, Benguela, Cassange e Angola.



Figura 27 Jean-Baptiste Debret. *Différentes nations nègres*. 1834-1839.  
Litografia.

Os termos cabra, crioula e mulata referem-se a mulheres nascidas no Brasil. Os demais termos referem-se às áreas geográficas do lado atlântico e sudoeste da África, de onde as pessoas eram enviadas ao Brasil.

A maneira que se estavam postos os "adereços" e "ornamentos" não pretendiam restringir os significados dos objetos a uma determinada função. De acordo com Costa e Silva (2010), a maneira de amarração do turbante das africanas nos abria a possibilidade de identificar sua cultura tribal e, conseqüentemente, de investigar a predominância de certas culturas africanas no Brasil. Isto porque "pelos diferentes modos de usarem essas escravas, tais panos, elas se deixavam identificar quanto à sua origem africana e à sua condição de casadas ou solteiras" (FREYRE,[1963] 2010, p. 187).

Os turbantes também eram associados às posições sociais das nharas, nhanhas, senhoras, sinhares, ou donas da África Ocidental. Mulheres que foram abusadas ou se associavam a homens europeus dando à luz a crianças mestiças. Com o turbante, essas mulheres ostentavam, segundo Freyre ([1963] 2010, p. 188), "uma elegância de princesas do mundo afro-brasileiro". O turbante também era utilizado pelas negras crioulas, mulheres vestidas de baiana que utilizavam os turbantes para se sobressair em relação às outras escravizadas, criando assim uma espécie de rivalidade social.

# Uma invenção maravilhosa!...

## “O CABELISADOR”

### ALISA O CABELLO O MAIS CRESPO SEM DOR

Uma coisa que até agora parecia impossível e que constitui o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade inevitável.

Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso?

Graças à maravilhosa invenção do nosso “CABELISADOR”, consegue-se, em conjunto com duas “Pastas Mágicas”, alisar todo e qualquer cabelo, por muito crespo que seja.

Com o uso deste maravilhoso instrumento, os cabelos não só ficam infalivelmente lisos, mas também mais compridos.

Quem não prefere ter uma cabeleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos? Qual é a pessoa que não quer ser elegante e moderna?

Pois o nosso “CABELISADOR” alisa o cabelo o mais crespo sem dor.

O nosso estylo contém tudo o necessário para este fim, não havendo necessidade de cabeleireiro. Fazer-se tudo em casa, discreta e economicamente, sem perigo e sem a menor dor.

O “CABELISADOR” e as “Pastas Mágicas” podem ser usados com toda a confiança, pois absolutamente não prejudicam o cabelo, sendo a seu emprego facilissimo e sempre eficaz.



Fabricamos duas qualidades de “CABELISADOR”: uma para cabelo muito crespo, n.º 1, e outra para cabelos menos crespos, n.º 2.

Quando as Pastas Mágicas N.º 1 ou 2, contidas no estylo se acabarem, encontram-se sempre outras nas boas farmácias e casas de perfumarias, etc., ou no nosso Depósito Geral, à Praça da Sé N.º 14, Sala 4, 2.º andar — Tel.: 2-1706 São Paulo.

Ficamos ao inteiro dispor da nossa distinta clientela para todas as explicações que forem necessárias, bem como nos comprometemos a fazer demonstrações, às pessoas que assim o desejarem em nosso estabelecimento, à Praça da Sé, 14, Sala 4, 2.º andar, São Paulo.

Podemos mandar o “CABELISADOR” para todas as partes do Brasil mediante pagamento adiantado.

#### LISTA DE PREÇOS

Estylo completo, contendo um “CABELISADOR”, uma espreiteira especial, uma lata de Pasta Mágica N.º 1 e uma lata de Pasta Mágica N.º 2 . . . . .	68000
Um “CABELISADOR” avulso . . . . .	48000
Uma espreiteira especial para o “CABELISADOR” . . . . .	10800
Pasta Mágica N.º 1 ou N.º 2, cada latinha . . . . .	38700
Pelo Correio (registro) mais . . . . .	28000

## Modo de usar o “CABELISADOR”

Pela primeira vez, começa-se levando a cabeça com a Pasta Mágica N.º 2; em seguida separa-se o cabelo em pequenas partes e colhe-se o curso cabeludo com a Pasta Mágica N.º 1, até penetrar bem. Depois espreita-se o “CABELISADOR” na espreiteira especial contida no nosso estylo para esse fim tendo-se cuidado em colocar a parte grossa de metal sobre a chama, e não os dentes do instrumento. Experimenta-se o grão de cabelo numa folha de papel se esta amarellar está quente de mais, sendo nesse caso possível deixá-lo esfriar um pouco. A seguir vai-se tomando uma por uma as mechas de cabelo já separadas e vai-se passando muito devagar o “CABELISADOR”, fazendo força de cima para baixo, como quem penteia o cabelo, encostando o instrumento bem contra a cabeça.

É indispensável usar sempre a Pasta Mágica N.º 1, antes de aplicar o “CABELISADOR”, o qual deve ser usado quente; logo que esfria sem pouco é preciso aquecê-lo novamente sobre a espreiteira.

A Pasta Mágica N.º 2 (para lavar a cabeça) não precisa ser usada mais do que duas vezes por mês.

Nos primeiros tempos é preferível usar o “CABELISADOR” e a Pasta Mágica N.º 1 todas as noites, amarrando-se um segredo um pouco bem apertado na cabeça antes de se deitar, para manter o cabelo no lugar.

Depois de alisar toda a cabeça, torna-se a passar o “CABELISADOR” muito devagar sobre os cabelos, mas somente com a parte grossa, sem fazer penetrar os dentes.

No fim de pouco tempo o cabelo começa a encurtar, torna-se sedoso e lizo.

# ALISAMENTO CAPILAR

## Cabelo encolheu

Eu vou mandar o papo reto  
essa vai para os guerreiros  
que tem uma mulher que vai no cabeleireiro  
gastou trinta reais sabe o que que aconteceu  
Ih, choveu cabelo encolheu todinho  
ih choveu cabelo encolheu

Eu vou mandar um papo reto  
Gatinha ve se me escuta  
se você fez escova vê se leva o guarda-chuva  
ô não tô de caô, gata não tô de gracinha  
se você fez implante, alisante ou chapinha  
tome muito cuidado sabe o que que aconteceu  
ih choveu cabelo encolheu todinho  
ih choveu cabelo encolheu  
(MC Franck)

“Feio”, “sujo”, “duro”, “desarrumado”, o cabelo crespo durante muito tempo foi associado a características vexatórias. A busca por formas de alisamento capilar surge em uma tentativa não só de se aproximar do padrão de beleza europeu, negando a beleza negra, mas também em uma tentativa de alcançar um valor social mais elevado.

Os debates e movimentos sociais anti-racistas e de valorização da cultura negra em todo o globo foram fortalecidos e ampliados com o surgimento dos primeiros veículos de imprensa negra. Nestas revistas e jornais se encontravam diversas propagandas dos mais variados produtos para o cuidado dos cabelos da população negra, porém com a ampliação dos movimentos eugenistas, as propagandas sobre os produtos de alisamento capilar como pastas e pentes quentes que prometiam deixar os cabelos esticados ganharam não só espaço nos periódicos, como alcançaram as penteadeiras e salões de beleza.

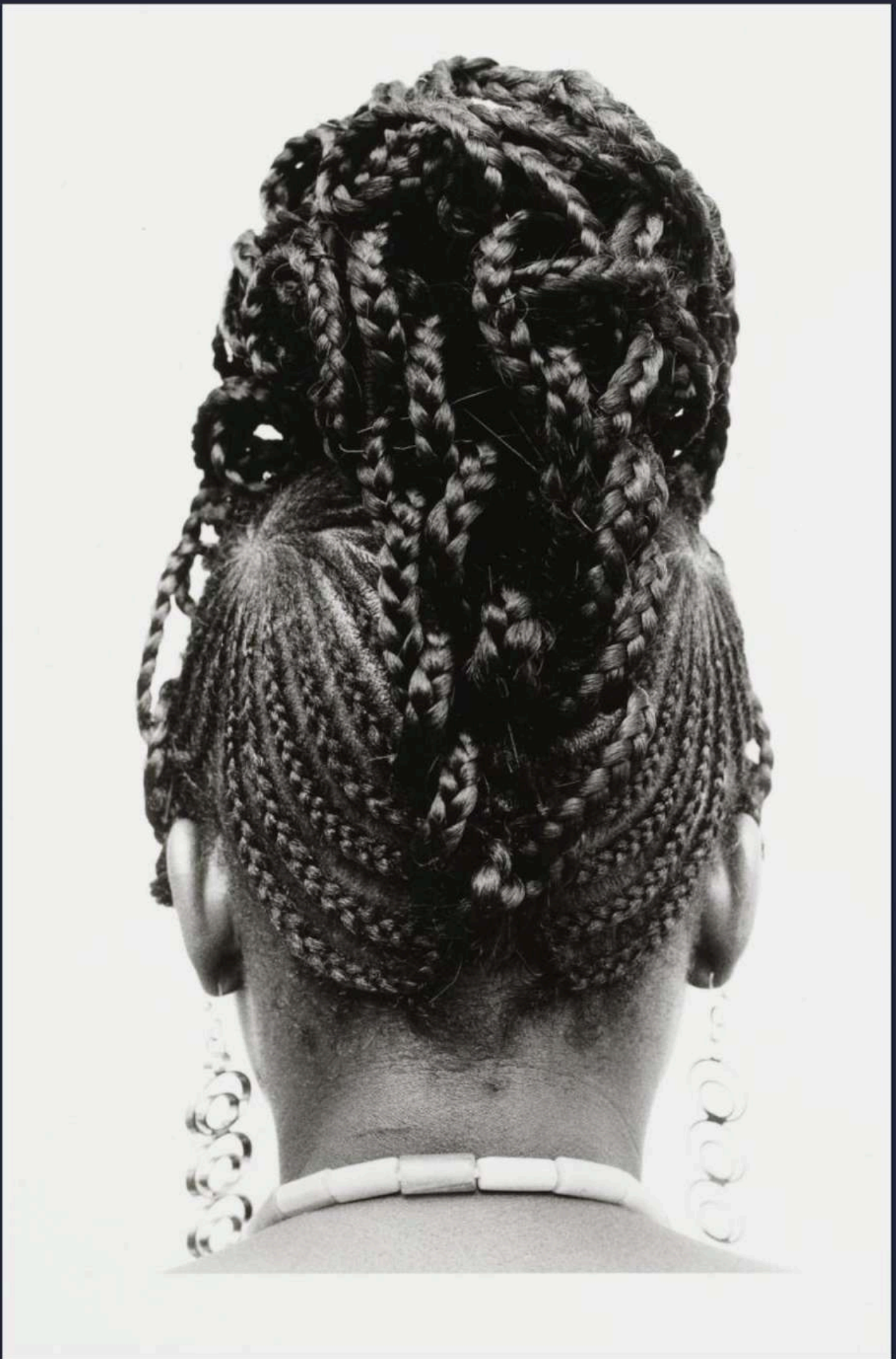




Fonte: História de Sarah Breedlove – Fonte: Culture Trip / Wonderful hair grower – Madam C. J. Walker's – Fonte: Reprodução/Lyndhursts Mansion

Uma das pioneiras no desenvolvimento desses produtos foi madame C. J Walker, registrada pelo Guinness Book of World Records como a primeira mulher negra milionária dos Estados Unidos. Walker vendia seus produtos como a “chave do sucesso”. As loções como o *Wonderful Hair Power* eram ativadas com o uso dos pentes quentes, que necessitam ser aquecidos ao fogo.

Do início do século XX para cá, diversos tratamentos químicos e térmicos (que perdem o efeito ao serem expostos à água) com objetivo de alisar os cabelos foram desenvolvidos. Escovas e secadores, com as pranchas e chapinhas, tomaram o lugar dos pentes aquecidos no fogão. Alisamentos permanentes como, tioglicolato, guanidina, hidróxido de sódio e henê, prometem deixar os fios do cabelo definitivamente lisos. Algumas categorias de produtos, como os derivados de formol, foram banidos por entidades reguladoras por promoverem riscos à saúde.

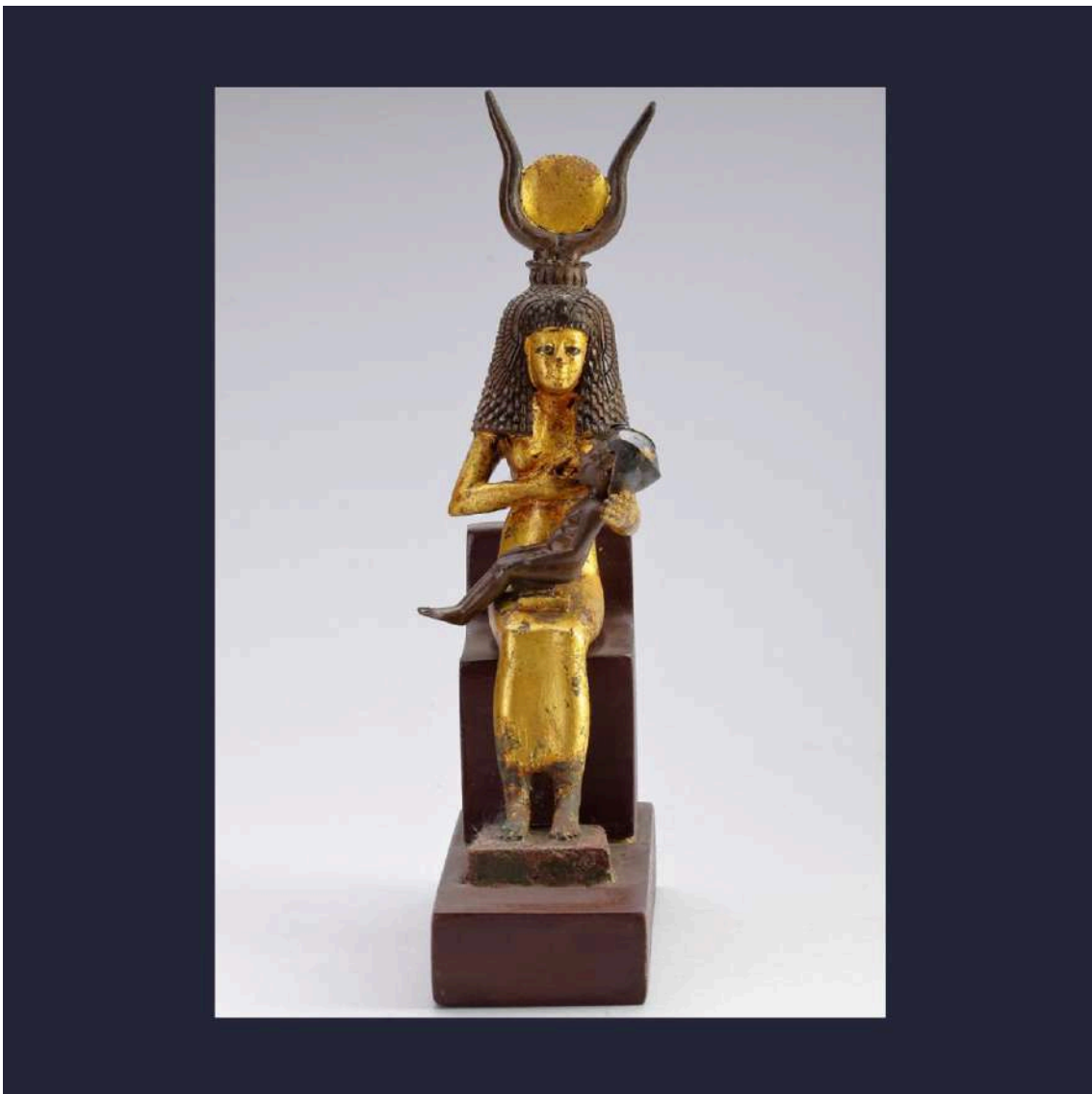


Fonte: 1975, printed 2012, J.D. Okhai Ojeikere, Coleção do MoMa

## **OS PENTEADOS DE ORIGEM AFRICANA: TRANÇAS**

Utilizada por diversos grupos étnicos em África há milhares de anos, as tranças detêm o poder de transmitir mensagens entre as tribos, para identificar a idade, posição social e afiliação de uma pessoa. Possuíam também a função de proteção climática, protegendo os fios do ressecamento causado pelo sol e vento seco.

As tranças eram tratadas como forma de expressão artística e diversas técnicas foram eternizadas em pinturas e esculturas de diferentes grupos étnicos do território africano.



Fonte: Statuette of seated Isis suckling Hours fonte / Museu do Cairo

Alguns dos primeiros registros do uso das tranças são encontrados no antigo Egito, uma sociedade teocrática que acreditava na existência de um Deus supremo e diversas divindades coadjuvantes. Juntos teriam criado o mundo estabelecendo códigos de virtudes para a vida humana. Em suas representações femininas algumas dessas divindades possuíam os cabelos trançados.

Segundo a tradição lorubá, todas as mulheres eram ensinadas a trançar os cabelos e as que desenvolvessem a maior habilidade se tornariam “mestras”, assumindo a responsabilidade de repassar as suas habilidades para a próxima geração.

Com a chegada dos europeus no continente africano, além da importância da fundamentação social dos grupos, o uso das tranças se torna um símbolo de resistência à cultura europeia, já que as técnicas milenares de como trançar os cabelos não poderiam ser apagadas da memória dos que estavam sendo escravizados.

Na década de 1960, as tranças soltas, nagô ou simplesmente um cabelo afro solto se tornaram populares ao serem utilizados pelo grupo de ativismo negro como os Panteras Negras. Atualmente o uso das tranças está cada vez mais popular ao redor do globo com o crescimento dos movimentos de transição capilar e empoderamento negro.

Por mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições e por mais que o contato com o branco tenha disseminado um processo de discriminação intrarracial entre os negros e introduzido uma hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza ou de feiura, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e reais que nos remetem à ascendência africana. O corpo e a manipulação do cabelo são depósitos da memória.



Fonte: Nayo A - reprodução Instagram

## **TRANÇA NAGÔ**

Por definição, a trança nagô, seria um penteado que comumente era utilizado por nagôs ou geledés, negros que foram escravizados e vendidos na antiga Costa dos Escravos (áreas costeiras dos atuais Togo, Benim e Nigéria, na África Ocidental) entre os séculos XV e XIX, que falavam o lorubá. Os lorubás possuem uma rica cultura e tradições que se refletem em diversos aspectos, incluindo seus penteados. Este penteado consiste em tranças que nascem rente ao couro cabeludo e suas variações podem adquirir diversos significados. Kolese”, “Irun Didi”, “cornrows” são outras formas de se chamar essas tranças que se assemelham a plantações.



## TRANÇAS KOROBA

As tranças Koroba têm suas origens na tribo Yoruba da Nigéria, Koroba se traduz como 'Calabash/Cesta'. Os cabelos são trançados do topo do couro cabeludo até a frente, atrás e laterais da cabeça.

Fonte: J.D. Okhai Ojeikere - MoMa



## TRANÇAS KIPETAKA

Já as tranças Kipetaka possuem origem de um lado extremo oposto do continente africano, nas ilhas de Madagascar. O que diferencia as Kipetaka das tranças Koroba, são as pontas em redemoinho adornadas.

Fonte: Fonte: @slayedibraids - reprodução instagram



## TRANÇAS SHUKU

O penteado Shuku também possui origem Yorubá e é trançado das bordas do couro cabeludo até o meio. No topo da cabeça, as tranças se enrolam em forma de cone. Este penteado se restringia a membros da família real e noivas, porém hoje em dia o uso se popularizou por todos os membros da sociedade.

Fonte: J.D. Okhai Ojeikere - MoM



Fonte: slayedibraids - reprodução instagram

## **BOX BRAIDS OU TRANÇAS SOLTAS**

As tranças soltas, como o nome sugere, possuem um formato de caixa e são tecidas ao longo da cabeça. Essas tranças são criadas usando a técnica de três mechas e muitas vezes é associada a adição de Jumbo, material sintético que envolve os cabelos naturais formando película, uma proteção. O uso da fibra, que também pode ser orgânica, ou até mesmo cabelo humano, faz aumentar as possibilidades de comprimentos, espessuras e cores.

As Box Braids se tornaram uma grande aliada para quem está passando pelo período de transição capilar e se transformou na fonte de renda de milhares de mulheres por conta do aumento da demanda causado por esse movimento.



Imagem: Da esquerda para a direita, Bobby Seale e Huey Newton, fundadores do Partido dos Panteras Negras, inicialmente denominado "Partido dos Panteras Negras para Autodefesa". Fonte: Magnum Photos



## **MOVIMENTO BLACK POWER E BLACK IS BEAUTIFUL**

A década de 1960 foi marcada pelo início de diversos movimentos de protesto que buscavam direitos civis para negros. Em 1965, após o assassinato de Malcolm X, surge o partido político Pantera Negra, grupo que passou a adotar o estilo de cabelo conhecido como “afro”, o crespo em sua textura natural. Uma das integrantes mais conhecidas do partido é Angela Davis. A filósofa e ativista feminista ostentava seu black nos cartazes de procura do FBI. Sua prisão gerou protestos no mundo inteiro.

“Black is Power”, Preto é Poder. Um dos eixos centrais do movimento consiste na autodefinição. Havia uma necessidade de afirmação dos traços físicos e culturais da população negra buscando retirar o negro de um lugar de inferioridade, atribuindo ao cabelo crespo o lugar de beleza.



Fonte: Steve Biko CREDIT Rex Features

Embora muitas pessoas associam o “black is beautiful” com o movimento norte-americano, o slogan na verdade é criado no contexto sul-africano de valorização do povo preto e no combate ao Apartheid. Um grupo de estudantes, liderados por Steve Biko, se organizou politicamente debruçando-se sobre os problemas históricos do país e construindo um conceito libertário intitulado Consciência Negra.

Ao ser questionado sobre a ideia por trás do slogan “Negro é lindo” , Steve Biko disse:

Soggot: Quando se usa uma frase como "Negro é lindo" então esse tipo. de frase combina com os princípios da Consciência Negra?

Biko: Combina sim.

Soggot: Qual a ideia que está por trás de um slogan como este?

Biko: Acho que a intenção é de que esse slogan sirva, e ele está servindo, para um aspecto muito importante em nossa tentativa de alcançar a humanidade. A gente está enfrentando as raízes mais profundas da opinião do negro sobre si mesmo. Quando a gente diz: "Negro é lindo", o que na verdade a gente está dizendo para ele é: "Cara, você está bem do jeito que você é, comece a olhar para si mesmo como um ser humano. Agora, na vida africana especialmente, isso tem também certas conotações: as conotações sobre o modo como as mulheres se preparam para serem vistas pela sociedade, em outras palavras, o modo como sonham, o modo como se maquam etc., que tende a ser uma negação do seu verdadeiro estado e, de certo modo, uma fuga de sua cor. Elas usam cremes para clarear a pele, usam coisas para alisar o cabelo etc. Acho que de certo modo elas acreditam que seu estado natural, que é um estado negro, não é sinônimo de beleza. Assim, só podem chegar perto da beleza se a pele delas for a mais clara possível, se os lábios ficarem bem vermelhos e as unhas bem cor-de-rosa. De modo que em um certo sentido a expressão "Negro é lindo" desafia precisamente essa crença que faz com que alguém negue a si mesmo.

(SILVA, 2001, p. 40-41)

## **OS BAILES BLACK**

Um fenômeno cultural que surgiu no Rio e em São Paulo, o movimento dos bailes Black emerge nas periferias organizado por grupos de jovens negros, passando quase uma década longe dos olhos do grande público, até que nos anos 70 atingiu o seu auge, ganhando autonomia impactando a cultura popular. Cada baile reunia cerca de 10 a 15 mil pessoas, chegando a um público de quase 2 milhões de frequentadores por final de semana em todos os bairros do Rio.

Inspirado pelos movimentos de direitos civis americanos e pela luta de libertação do imperialismo na África, nos embalos do soul music de James Brown, a juventude negra brasileira se via assumindo o seus cabelos crespos e extremamente politizada. Tudo isso durante a ditadura militar que teve seu início em 1964.

Vestindo suas melhores roupas, batalhas de looks e danças nasciam no meio dos salões. Mas não pense que os bailes serviam apenas para encontros dançantes dos jovens negros. No intervalo das músicas, fotos e vídeos eram projetados com o intuito de enaltecer a estética Black e propagar informações sobre saúde, educação e direitos civis da população negra.

De um lado os militares davam duras nos frequentadores a caminho dos bailes e de outro a esquerda tradicional, que carregava um discurso nacionalista que condenava a influência norte-americana nos bailes black. Houve uma tentativa de colocar o samba contra o Soul, ritmo que dominava os bailes, mas como disse Don Filó em sua visita guiada pela exposição FUNK: um grito de ousadia e liberdade, Leci Brandão, Roberto Ribeiro, Candeia, Arlindo Cruz, todo mundo era Black.



Fonte: Getty Image

## **THE GODFATHER OF SOUL: JAMES BROWN**

“The Godfather of Soul, the sex Machine, Soul Brother Number One, Mr. Please, Please, Please himself, James Joseph Brown” James Brown foi um cantor, dançarino, compositor e produtor cultural americano conhecido por ser o padrinho do Soul Music, ritmo musical negro com forte influência do Jazz, Gospel e R&B em que seus integrantes dotavam o cabelo no estilo “afro”. Esse estilo serviu de trilha sonora para os movimentos negros dos anos 60 e 70.

“Please, please, please” a canção que lançou James Brown ao estrelato em 1956, sempre foi o ponto alto de seus shows. Aqui, Brown interpreta este clássico no TAMI Show, gravado em Santa Mônica, em 1964. Era o momento do chamado ritual da capa, quando um dos membros do The Famous Flames tentava cobrir em vão o cantor com a vestimenta.

No final dos anos 60 o soul começa a perder forças, foi então que James Brown se apropria do termo Funky , que perde o um significado pejorativo e passa ser sinônimo de um novo ritmo musical mais agressivo e marcado.

Segundo a imprensa americana, James se comunicava com a população negra americana como ninguém. Após lançar a música “Say it loud - I’m black and I’m proud” ele se consagra como sinônimo de Black Music.

O Funk se torna um ritmo comercial que com suas cores, vestimenta e penteados influenciam não só os jovens negros periféricos, como também a população jovem branca.

Quem trouxe pela primeira vez James Brown ao Brasil, paí em que ele possuía um enorme número de fãs e admiradores, foi Luizão, o criador do Baile da Chic Show.



O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL

LENA P. B

BLACK RIO

Lena P. B. Foto de José Figueira

Uma parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto. À esquerda, uma parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.



Um corredor de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

A parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

A parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

A parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

A parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

A parede de concreto cinza, lisa, com uma única janela alta e estreita, parece um túnel. O ar é quente e úmido, com o cheiro de concreto e tinta fresca. O som de passos ecoa no chão de concreto.

Fonte: Artigo do Jornal do Brasil de 17 de julho de 1976 intitulado "Black Rio – o orgulho (importado) de ser negro no Brasil (o orgulho (importado) de ser negro no Brasil)" por Lena Fria

## **BLACK RIO**

Nos final dos Anos 60, a Soul Music chega ao Brasil e coloca todo mundo para dançar. Foi sob o Regime militar que um jovem negro, morador do Jacaré, sente a necessidade de criar um espaço para congregar os negros no subúrbio carioca, já.

Com a chegada da Soul Music ao Brasil, em 1972 no Clube Renascença, Asfilófilo de Oliveira Filho, o Dom Filó, criou a “Noite do Shaft. Inspirada no título de um emblema do Blaxploitation e uma das maiores referências quando se fala em estética Black, o filme “Shaft”. Com o sucesso dos Bailes Black, um novo capítulo começou a ser construído na música carioca, fazendo com que as equipes de som se expandissem.

O evento vira uma febre e deu início ao movimento de contracultura carioca da periferia carioca, o Black Rio.

“Eles estão unidos de novo. Aos olhos dos brancos que não compreendem as roupas exóticas, os bonés, as cores fortes. Não passam da versão negra de uma juventude alienada e entregue ao consumo da música estrangeira, mas eles estão unidos de novo. Chegam a mobilizar um milhão e meio de jovens a cada fim de semana nos bailes de soul do Rio de Janeiro. Para suas compras, uma indústria de roupas, sapatos, discos e fitas se organizou. E para se identificarem tem seus próprios códigos, uma confraria secreta que o branco ignora.”  
(Grifo retirado de reportagem exibida no documentário “Chic Show)

...] moças e rapazes de roupas extravagantes e coloridas, calças berrantes, sapatões de sola dupla (pisões), vestidos longos, blusas afro, colares de marfim e cabelos eriçados. Gente alta, elástica, de olhar firme e seguro, que, inspirada em modas nova-iorquinas, preferiu escolher para si uma nova aparência, capaz de negar simultaneamente o surrado traje do malandro carioca e o uniforme colonial das escolas de samba. (BLACK RIO, 1976, p. 154)

O movimento Black Rio se baseia no movimento “Black is Beautiful”, de valorização da autoestima e traços naturais do povo preto. Estratégias como a criação de concursos para saber quem possuía o Black mais bonito, para escolher os frequentadores mais parecidos com astros do soul, como Isaac Hayes ou James Brown, até mesmo disputas de danças aconteciam nas noites do Shaft.



Fonte: Grupo Bailes Black SP



## **CHIC SHOW**

Em São Paulo, é a Chic Show que coloca os jovens negros para dançar. A festa que esse ano completa 50 anos foi palco de inúmeros shows de Sandra Sá, Tim Maia, Djavan, Gilberto Gil, Jorge Ben e artistas internacionais como James Brown, Zapp, Betty Wright e outros.

De dia, salões de beleza ficavam cheios, com cabeleireiros que se dividiam entre o cuidado com os penteados Black Power e a venda de ingressos para esse evento semanal. Mais tarde, perto das 21h, ônibus circulavam pela cidade com jovens de roupas novas e sapatos mocassim de bico fino, comprados após meses de economias.

O ponto em que desciam era o mesmo: o que parava o mais próximo possível da sede do Palmeiras, na Água Branca, na zona oeste, onde mais uma edição do baile criado por Luizão e que ficou conhecido por ser o “Tapete Vermelho da Black Music”.

Nos Anos 70 outros ritmos Black ganham, como o Hip-hop e o Miami Bass vão ganhando o gosto da juventude paulista, porém a vestimenta esportiva dos dançarinos de breakdance não era permitida no espaço no evento, pois os movimentos da dança poderiam sujar as calças de linho dos frequentadores mais antigos. Porém, depois de uma visita aos viadutos onde se concentravam os jovens que praticam a nova modalidade de dança, Luizão, o criador do Chic Show, resolve liberar a entrada deste novo ritmo em seus bailes.



Fonte: Reprodução vídeos da apresentação de Tony Tornado e Trio Ternura no programa da Hebe Camargo

## **TONY TORNADO**

Nos anos 60, a melhor chance que um artista tinha de alcançar o estrelato seria participando de festivais da canção, promovidos por emissoras de TV e transmitidos em rede nacional. Nestes festivais públicos de música popular em que os artistas apresentavam suas canções para o público e os jurados e plateia votavam para definir as melhores canções da noite. Artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, a Banda Secos e Molhados, foram uns dos artistas revelados nesses festivais.

Mas foi durante o Quinto Festival da Canção que retornava ao Brasil após uma estadia de 5 anos em Nova Iorque, Tony Tornado sobe ao palco, ao lado do Trio Ternura, para defender a canção BR-3. Com seus cabelos Black Power, camisa caqui desabotoada, estampando um sol pintado em seu peito e seus coturnos pretos, Tony realizou uma interpretação à la James Brown e arrematou o prêmio de melhor canção da noite. E em rede nacional, um homem negro alto e retinto assumia seu cabelo com orgulho.

Foi quando, em 1970, foi finalmente sondado pelo músico Tibério Gaspar para interpretar a canção "BR3", de parceria com o pianista Antonio Adolfo. Eles buscavam um cantor de frente com uma onda hippie, mas o hippie negro, o Black Power, para defender a música no V FIC (Festival Internacional da Canção), ao lado do Trio Ternura, de cantores brasileiros também de num arranjo de levada gospel [cântico adotado nas igrejas negras americanas]. Aproveitei para desfilar todo o trejeito do meu ídolo James Brown, que tantas vezes via em apresentações no Teatro Apollo, quando morei no Harlem.

Com cabelo Black Power e um sol pintado no peito (inspirado nos costumes de certos jovens afro-americanos que queimavam símbolos na própria pele para identificar suas etnias, vários deles integrantes de grupos ativistas como o Panteras Negras, de Nova Iorque), a nossa interpretação levou o público ao delírio. (Depoimento de Tony para livro Black Rio, p 39)



Fonte: Vovô e Mãe Hilda, 1999 | foto: Mario Cravo

## **BLOCO AFRO ILÊ AYÊ**

Fundado nos anos de 1964 por Vovô do ilê e Mãe Hilda Jitolu, O Bloco Afro Ilê Aiyê teria outro nome, a princípio, seria Poder Negro, em homenagem ao movimento Black Power, mas, em votação, o coletivo optou por Ilê Aiyê, que significa “nossa casa” ou “nossa terra”, em iorubá.

“Nossa formação política era o que a gente tinha de referência em casa, do movimento negro americano. Nossa estética nos anos 70 era só Black Power, calça boca de sino, camisas justas, a música, James Brown, essas coisas. Eu tinha muita admiração pelos Panteras Negras. A informação chegava através dos discos. Por incrível que pareça, tinha uns colegas evangélicos mais libertários, Testemunhas de Jeová, que tinham contato com uns americanos. Eles traziam roupas usadas dos Estados Unidos e a gente pegava.” (Vovô para revista Trip)

Diferente dos bailes Black do Rio e de São Paulo, o Bloco afro resgata as vestimentas utilizadas pelos africanos. Em suas apresentações, o Ilê Aiyê exhibe orgulhosamente o perfil azeviche e suas cores vibrantes, que aparecem em trajes ricos em detalhes, inspirados em elementos tradicionais das culturas afro. Tecidos estampados, turbantes, adereços de contas, búzios e enfeites de palha também fazem parte do incrível legado do bloco.

O concurso para eleger a Deusa do Ébano é uma das atividades mais conhecidas do grupo. Inspirada nos concursos de Rainha do Carnaval, no concurso a Rainha do Ébano é escolhida após desfilar sua beleza e carisma para o público. A eleita é destaque nas saídas do bloco no Carnaval e participa de todas as suas atividades durante o ano.



© Vincent Rosenblatt

Fotógrafo francês lança livro 'Rio Baile Funk' com cenas dos últimos 17 anos — Foto: Vincent Rosenblatt

## O INÍCIO DO FUNK CARIOCA

Com influência do Hip-hop e Miami Bass, que dominavam as pistas de dança, no fim dos anos 80 surge um ritmo brasileiro com um beat mais acelerado, que mistura os ritmos americanos e os batuques dos atabaques africanos, dando origem ao funk carioca. O funk americano evolui a partir do *rhythm and blues* e da *soul music*.

A expansão das aparelhagens nos bailes blacks do rio Rio de Janeiro faz com que o Funk seja não só uma expressão artística musical, como um gerador de economia local, já que diferente dos bailes black, agora os bailes acontecem dentro de suas comunidades.

A expressão hip-hop possui um código de vestimenta muito característico. Looks do *sport wear* e *street wear*, com os cabelos black ganhando cortes diferentes e acessórios como os *buckets hats* e bonés. O basquete e o tênis são os esportes que mais foram absorvidos por essa cultura.

O Funk herda algumas dessas características visuais, mais voltados para referências do futebol, adicionando acessórios e estilos de cabelos que não se encontram nos Estados Unidos, como os cortes disfarçados e o loiro pivete.

Assim como nos grupos étnicos africanos, é possível identificar a origem geográfica dos funkeiros a partir de seus cabelos. Determinados cortes e penteados só podem ser encontrados na cabeça de funkeiros paulistas ou cariocas.



## BLINDADO

Em SP, o corte blindado recebe esse nome por ser conhecido como por ter um topete que não desmancha por nada. Criado pelo ex-presidiário Ariel Barbeiro, o corte também possui uma diversidade de cores que tingem os cabelos em degradê.

Foto: Reprodução/Instagram



## NEVOU OU LOIRO PIVETE

Uma tendência dos jovens das comunidades cariocas que começa no início do natal e termina com o carnaval. O nevou ou loiro pivete é um tipo de descoloração global que consiste em retirar toda pigmentação dos cabelos até que, com ajuda de matizadores, ele se torne branco como neve.

Foto: Leo Martins



## REFLEXO

O estilo que ganha cada vez mais espaço nas cabeças dos jovens moradores das favelas do Rio é o reflexo da bolinha. Utilizando uma touca de silicone como molde, a descoloração é aplicada por cima de cortes como o disfarçado (quando o cabelo é raspado na lateral em degradê)

Foto: Reprodução/Instagram



# ARTISTAS QUE POSSUEM CABELO COMO TEMÁTICA

Muitos artistas contemporâneos desenvolvem suas práticas a partir de um movimento de resgate a ancestralidade e valorização da cultura negra. Neste almanaque eu apresento a obra de 4 artistas de diferentes países ao redor do mundo que possuem o uso dos cabelos como eixo central de suas obras.



Foto: cortesia de CROWEZILLA

## SHANI CROWE

O trabalho de Shani Crowe gira em torno de penteados culturais, adornos e rituais de beleza, como eles se relacionam com o africano diaspórico e como essas práticas funcionam como ferramentas para promover a conectividade. Seu trabalho representou os EUA na Bienal de Veneza.

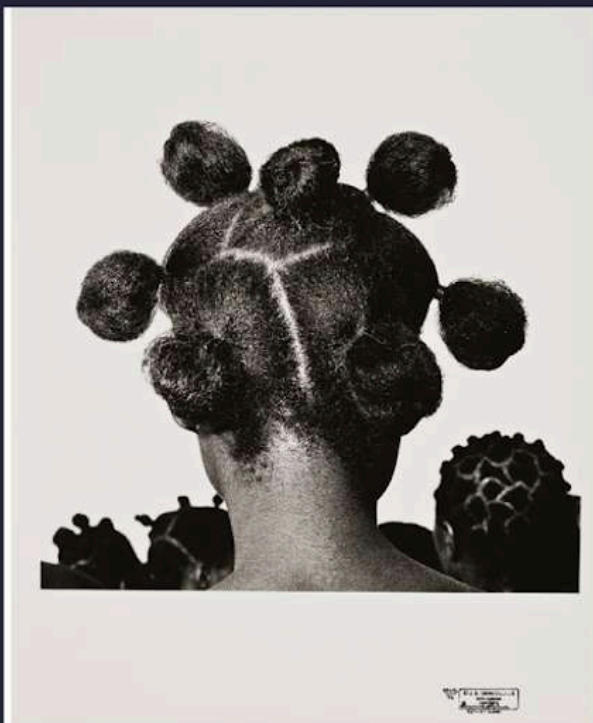


Foto: JD 'Okhai Ojeikere / Coleção MAM

## JD 'OKHAI OJEIKERE

O fotógrafo nigeriano JD 'Okhai Ojeikere, é conhecido por se um dos principais fotógrafos do país por sua extraordinária série de quase 1.000 penteados africanos que retratava as diferentes etnias.

# ARTISTAS QUE POSSUEM CABELO COMO TEMÁTICA



Foto: Jacy Carvalho Foto: Yago Gonçalves; produção: Lucas Torres

## JACY CARVALHO

A artista e influenciadora brasileira Jacy Carvalho, criou o projeto fotográfico 'Escultura Crespa', cujo objetivo é exaltar a beleza do cabelo crespo.

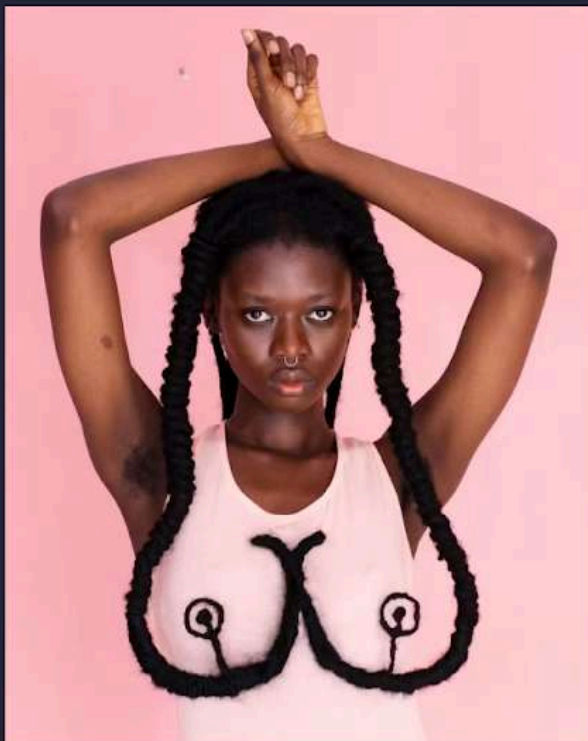


Foto: "Uncensored breast", de Laetitia Ky — Foto: Reprodução

## LAETITIA KY

A artista Laetitia Ky designer de moda, e artista da Costa do Marfim, monta utilizando de base o seu próprio cabelo, esculturas feitas de arames e extensões capilares.

seu trabalho é voltado para refletir sobre o ser feminino.



**EDITORIAL**



## **EDITORIAL - SOU BLACK POWER**

Quando entrei no curso de cenografia eu estava na metade do curso Técnico em Produção de Moda do SENAI CETIQT e lembro que por estudar moda, colegas e professores do curso muitas vezes se confundiam ao achar que minha habilitação seria Indumentária. Até que ao final do curso de cenografia, resolvo pedir a manutenção de vínculo para adquirir as duas habilitações. Agora, meu lado figurinista se soma ao lado produtora de moda para concluir esse ciclo de sete anos na universidade.

Inspirada no ativismo negro, nos movimentos da Soul music dos Anos 70 e nos penteados que conduziram este almanaque, realizo um editorial fotográfico com intuito de exaltar a cultura Black e evocar o significado de Sankofa “Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (Abdias Nascimento).

Para essa sessão de fotos realizada do dia 25 de junho de 2024, confeccionei adereços de cabeça, acessórios e uma capa inspirada na performance de James Brown para a música “Please, please, please”.

FICHA TÉCNICA DO ENSAIO:

Fotografia: Catharina Paiva

Figurino, caracterização e adereços: Jovanna Souza

Modelos: Jovanna Souza e Raquel Martins

Vídeo dos Bastidores: <https://www.youtube.com/watch?v=3VZUW0wo86A>





























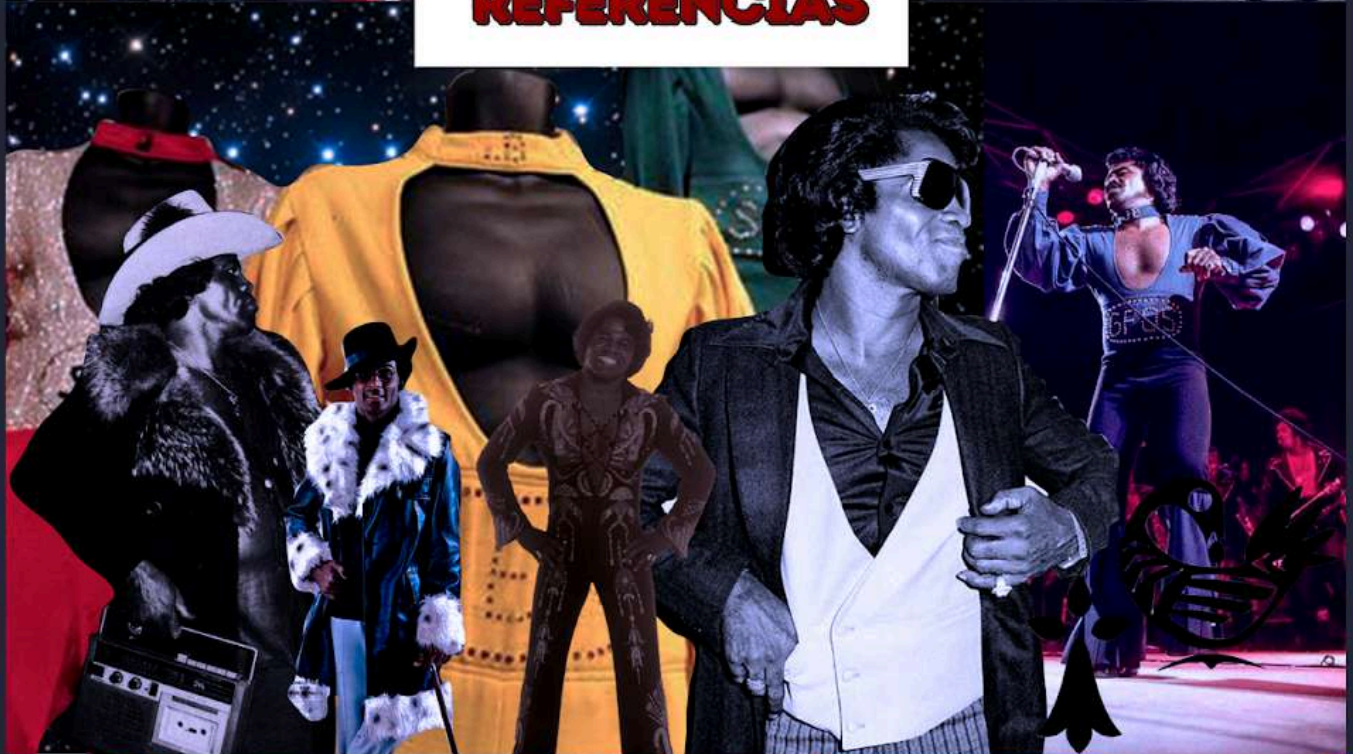








**REFERÊNCIAS**





**PROCESSOS**















## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGATHA, I. Black Rio 40 anos: O Movimento Negro na ditadura militar. Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 9, n. 16, p. 44–59, 1 jan. 2016.

BRAGA, A. Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. 1 fev. 2013.

BRAGA, Amanda Batista. História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas. São Carlos: EduFSCAR, 2015.

Beleza Natural: A história por trás da empresa. Disponível em: <[https://voitto.com.br/blog/artigo/beleza-natural?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwvwmzBhA2EiwAtHVrb2cnos0dTy\\_QyDfBI9WxtVPUY00dqZW\\_GfRiOPZSz\\_HOhvAdMqRhmRoCH1oQAvD\\_BwE](https://voitto.com.br/blog/artigo/beleza-natural?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwvwmzBhA2EiwAtHVrb2cnos0dTy_QyDfBI9WxtVPUY00dqZW_GfRiOPZSz_HOhvAdMqRhmRoCH1oQAvD_BwE)>. Acesso em: 1 jul. 2024.

Chic Show, de Emílio Domingos e Felipe Giuntini. Disponível em Globo Pla. Acesso em: 1 jul. 2024

COSTA, Sergio. *Dois Atlânticos*: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DE, F.ZÉ OCTÁVIO SEBADELHE. 1976 Movimento Black Rio. Rio De Janeiro: José Olympio, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global. 2006.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Classes, raças e democracia. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002

JOANA GABRIELA MENDES. Manual de penteados para crianças negras. [s.l.] Companhia das Letrinhas, 2023.

“Nevou” no Rio: mania de descolorir o cabelo até ficar quase branco vira moda entre os cariocas. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/01/nevou-no-rio-mania-de-descolorir-o-cabelo-ate-ficar-quase-branco-vira-moda-entre-os-cariocas.ghtml>>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NILMA LINO GOMES. Sem perder a raiz - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. [s.l.] Autêntica, 2020

O Mundo do Funk Carioca de Hermano Vianna | BUALA. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/a-ler/o-mundo-do-funk-carioca-de-hermano-vianna>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PORTAL, K. Ariel Barbeiro, o mestre do blindado. Disponível em: <<https://kondzilla.com/corte-blindado-ariel-barbearia/#materia>>. Acesso em: 1 jul. 2024.

REDAÇÃO. Dez grandes momentos de James Brown. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/artigo/dez-grandes-momentos-de-james-brown/#:~:text=Era%20o%20momento%20do%20chamado>>. Acesso em: 1 jul. 2024.

RENATO@KONDZILLA.COM. Corte com “Reflexo” é sucesso nos morros cariocas. Disponível em: <<https://kondzilla.com/corte-com-reflexo-e-sucesso-nos-morros-cariocas/>>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SANTOS. “Que cabelo é esse?": uma narrativa antropológica em torno das tecnologias capilares afro diaspóricas. Cadernos de Campo, v. 32, n. 2, p. e211206–e211206, 11 dez. 2023.

XAVIER, G. História social da beleza negra. [s.l.] Rosa dos Tempos, 2021.